

ESCOLAS EM TEMPO INTEGRAL OU ESCOLAS EM TEMPO PLURAL

Cássia Maria Baptista de Oliveira⁵⁷

Resumo: O artigo toma o conceito de tempo integral para propor a reflexão sobre o tempo plural na escola. Após a discussão da escola em tempo integral, focaliza-se a homogeneização do tempo, no sentido de defender a ideia de que o olhar voltado para o tempo plural neste espaço pode produzir a sua reinvenção, apoiando-se em contribuições teóricas como as de Benjamin e Sodré.

Palavras-chave: tempo integral, tempo plural, escola.

Abstract: The article takes the concept of full-time to propose a reflection on time plural in school. After discussing the school full time, focuses on the homogenization time, in order to defend the idea that the eyes on plural time this space can produce its reinvention, relying on theoretical contributions to the philosophies Benjamin and Sodré.

Keywords: full time, while plural, school.

⁵⁷Doutora em Educação pela UERJ (2008). Professora adjunta do Departamento de Educação e Sociedade do Instituto Multidisciplinar da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Líder do Grupo de Pesquisa Antropologia e Educação e membro do grupo de pesquisa Devires da Educação na Baixada Fluminense. E-mail: cassiaufrj@gmail.com

A experiência, e não a verdade, é o que dá sentido à escritura. Digamos, com Foucault, que escrevemos para transformar o que sabemos e não para transmitir o já sabido. Se alguma coisa nos anima a escrever é a possibilidade de que este ato de escritura, essa experiência em palavras, nos permita liberar-nos de certas verdades, de modo a deixarmos de ser o que somos para ser outra coisa, diferentes do que vimos sendo (RANCIÈRE in Larrosa, Jorge & Kohan, Walter, 2004).

Este artigo originou-se de reflexões provocadas pelos professores da rede pública em Nova Iguaçu no evento “Democracia, Estética e Educação”, que ocorreu em julho de 2013, com a intenção de provocar diálogos, pensamentos, emoções, inquietudes que possibilitassem reinventar a escola por meio de movimentos de conservação, mas também de movimentos insurgentes e instituintes. Nessa roda de conversas com os professores, a experiência da escola em tempo integral funciona como potencialidade de processo que traz a possibilidade de situar a vida escolar como um problema que urge ser reconhecido, enfrentado, compreendido e ressignificado através do acolhimento das culturas infantis.

Tempo integral na escola e tempo plural na escola

Trazemos as crianças para o centro da reflexão no espaço escolar com a intenção de situar o modo de viver, a vida escolar como um problema que urge por ser reconhecido, enfrentado, compreendido e ressignificado através do acolhimento das culturas infantis.

Entendemos que as preocupações, os sonhos, as culturas infantis, as experiências e as brincadeiras narradas pelas crianças ou grupos infantis – de uma escola, de uma rua, de uma classe social, de um gênero ou de uma etnia, ou ainda de uma geração, em seus diferentes contextos, – podem nos levar a perceber algo do que há de obscuro da vida escolar.

Confrontar-se com o obscuro do mundo da escola, por meio das culturas infantis, significa concebê-las como potência de vida. Tenho me aproximado dessas questões através das poesias “O tempo”, de Mário Quintana, e “O tempo seca o

amor”, de Cecília Meireles, e assim vou mergulhando nos processos de criação que se fazem simultaneamente com o antigo e o novo, o conhecido e o desconhecido.

O Tempo

A vida é o dever que nós trouxemos para fazer em casa.

Quando se vê, já são seis horas!

Quando se vê, já é sexta-feira!

Quando se vê, já é natal...

Quando se vê, já terminou o ano...

Quando se vê perdemos o amor da nossa vida.

Quando se vê passaram 50 anos!

Agora é tarde demais para ser reprovado...

Se me fosse dado um dia, outra oportunidade, eu nem olhava o relógio.

Seguiria sempre em frente e iria jogando pelo caminho a casca dourada e inútil das horas...

Seguraria o amor que está a minha frente e diria que eu o amo...

E tem mais: não deixe de ter pessoas ao seu lado por puro medo de ser feliz.

A única falta que terá será a desse tempo que, infelizmente, nunca mais voltará.

O Tempo Seca o Amor

O tempo seca a beleza,
seca o amor, seca as palavras.

Deixa tudo solto, leve,
desunido para sempre
como as areias nas águas.

O tempo seca a saudade,
seca as lembranças e as lágrimas.

Deixa algum retrato, apenas,
vagando seco e vazio
como estas conchas das praias.

O tempo seca o desejo
e suas velhas batalhas.
Seca o frágil arabesco,
vestígio do musgo humano,
na densa turfa mortuária.

Esperarei pelo tempo
com suas conquistas áridas.
Esperarei que te seque,
não na terra, Amor-Perfeito,
num tempo depois das almas.

Entendemos, assim, que “o tempo”, da poesia de Mário Quintana, e o “o tempo seca o amor”, de Cecília Meireles, instituem a relação entre conformidade e as possibilidades de mudança, valorizando o acaso e os acontecimentos.

A imagem da escola associada a um espaço arquitetônico pode ser compreendida somente como um retrato vazio que reflete as histórias dos bairros e cidades em que foi implantada. Imagem que seca o tempo da utopia da educação, fazendo-nos esquecer de sonhos, palavras, lembranças e lágrimas.

Este tempo que seca a utopia oferece um campo privilegiado ao estudo dos processos de homogeneização da cultura escolar quando o tempo integral na escola transforma o tempo pedagógico em tempo cronológico, que é estruturado pelos elementos constitutivos das rotinas, que são: a organização do espaço, o uso do tempo, a seleção e as propostas de atividades, a seleção e a oferta de materiais, como foram apresentados por Barbosa (2006).

Esses elementos ordenam a vida escolar e a temporalidade da escola a partir do relógio como marcador da duração do tempo institucional escolar.

Barbosa (2006) refere-se à Melucci (1994, p.20) para falar do uso do relógio na escola, que representa a introdução do estudante no mundo exterior, ou seja, o tempo do capital que não distingue a experiência individual do ritmo social.

É o tempo da máquina, no qual “tudo pode ser igualmente medido, dividido, calculado, segundo a medida homogênea da quantidade”, e da meta, “que tem uma direção definida”, uma seta voltada para o fim, em que o processo não conta. Cada vez mais se pensa que o que conta, de fato, é o resultado final, a meta atingida; o percurso é somente um lugar e um tempo de passagem.

Contudo, Melucci (1994) lembra que o tempo humano é diverso daquele do capital – é o tempo interior, biológico, do desejo, do sonho, da emoção. Assim, o tempo do cotidiano exige uma nova perspectiva (p.141).

Desta forma, o tempo integral na escola, associado aos elementos constitutivos da rotinização do tempo pedagógico para ocupar apenas o aumento do horário escolar, ganha o sentido de tempo cronológico, tendo o uso do relógio como expressão da aceleração de um tempo que necessita do consumo e da reprodução de

um modelo de aprendizagem encarnado nas atividades socioeducativas propostas no contraturno.

O aumento do tempo escolar com atividades esportivas, artísticas e lúdicas para complementar as horas de permanência na escola é ilustrado com a repetição da expressão “Quando se vê”, no poema de Mário Quintana.

A partir deste ponto de vista, só uma extensão do tempo integral na escola materializa uma escola sem sabor, que afirma o tempo homogêneo e vazio, aprisionando a diversidade das culturas infantis, domestica a vida infantil em uma estrutura de rotina que ganha um tratamento uniforme para preencher as horas do contraturno da escola.

Este é o tempo cronológico, que aumenta a quantidade de horas que o estudante permanecerá na escola e que será ocupado com atividades consideradas socioeducativas, como arte, cultura, esporte e lazer, desenvolvidas no espaço escolar ou em qualquer outro local, segundo as Portarias Normativas Interministeriais (PNI) 17 e 19, de 24 de abril de 2007 (portal.mec.gov.br).

A portaria 19 (portal.mec.gov.br) trata da construção de quadras esportivas na escola e recebe a rubrica dos Ministérios da Educação e do Esporte. A Portaria 17 (portal.mec.gov.br) institui no seu art. 1º, parágrafo único, o programa “Mais Educação”, que será implementado por meio do apoio à realização, em escolas e outros espaços socioculturais, de ações socioeducativas no contraturno escolar.

O Programa Mais Educação⁵⁸ “que prevê mais atividades e mais tempo na escola para os alunos” foi lançado com o Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE), elaborado pelo Ministério da Educação em 2009. Neste plano, o governo federal traçou um conjunto de ações para a educação básica, superior e profissional.

No que se refere ao programa, o Ministério da Educação (2007) diz que pretende “ampliar o tempo e o espaço educativo dos alunos na rede pública”, apontando a educação integral para possibilitar uma “melhoria do rendimento do

⁵⁸O Programa Mais Educação visa fomentar a educação integral de crianças, adolescentes e jovens, por meio do apoio a atividades sócio-educativas no contraturno escolar.

aluno e do aproveitamento do tempo escolar e as atividades serão realizadas no contraturno”.

Assim, o tempo integral aponta para a institucionalização dos estudantes em escolas, fazendo-nos esquecer da afirmação de Mário Quintana (2009, *bypoesia.blogspot.com*): “A vida é o dever que nós trouxemos para fazer em casa”. Lembrar significa olhar para o passado e trazer de volta à memória que a vida provoca mudanças, faz o resgate de planos, sonhos e movimentos que nos levam a concebê-la como um tempo de possibilidades e de significações, como diz Quintana (2009):

Seguraria o amor que está a minha frente e diria que eu o amo...
E tem mais: não deixe⁵⁹ de ter pessoas ao seu lado por puro medo de ser feliz.
A única falta que terá será a desse tempo que, infelizmente, nunca mais voltará.

Mas, é possível e urgente pensarmos a escola em tempo integral com o sentido de reinventar formas de ser e de existir que produzam rompimentos com a imobilidade de profissionais que renunciam à sua liberdade de se reinventarem e à escola, priorizando a execução de ações de mando ou subserviência, típicas de tarefeiros, que se regem, com frequência, por negação ou aligeiramento do pensar. Tocam a sua carreira, então, sob a luz de interesses utilitaristas, imediatistas e individualistas.

A escola em tempo integral fundada na noção do tempo aberto à criação e à ação do ser humano traz o presente como possibilidade de romper com conformismos excludentes e hierarquizadores. Propõe projetos conjugados com desejos em que a valorização das diferenças das culturas infantis seja capaz de potencializar os enfrentamentos das desigualdades e das exclusões.

Desta forma, se a escola em tempo integral que vem sendo anunciada no Programa Mais Educação concebe o tempo através da perspectiva da criação, isto implica pensar a relação entre escola, conhecimento científico, cultural e estético a partir da condição de humanização do indivíduo, do bem-estar comum e da felicidade.

⁵⁹*bypoesia.blogspot.com*.

Assim, escola em tempo integral poderá transformar seu tempo pedagógico em pluralidade de tempos: tempo da informação; tempo da inovação; tempo de interações; tempo do brincar e do jogo; tempo para desenvolver a autoestima; tempo de dizer sim à vida; tempo de organizar esperanças; tempo vivencial da tristeza, pelas dores que a vida nos impõe, mas também de alegrias, como a de estar aprendendo e convivendo com os outros.

O tempo integral na escola como expressão do tempo homogêneo aponta para a certeza de ela ser o espaço desconectado da vida, do saber sem sabor, da aprendizagem e do desenvolvimento que existem de modo que não se reconhece a voz do estudante, assim como o trava-línguas: “o tempo perguntou pro tempo qual é o tempo que o tempo tem. O tempo respondeu pro tempo que não tem tempo pra dizer pro tempo que o tempo do tempo é o tempo que o tempo tem”.

A escola em tempo plural pode ser a expressão da história e da cultura e, desse modo, a desencadeadora de mudanças nas relações humanas e provocadora da construção de espaços coletivos e experiências compartilhadas. Bronner (1997), referindo-se a Benjamin, nos diz que “o seu ‘pensamento’ muda de marcha e muitas vezes freia, para depois partir de novo e acelerar a cada encontro com um novo ponto de vista e uma nova disciplina” (p. 159).

Fonseca e Vilar (2003), a partir da metáfora acima citada, consideram em sua análise que Benjamin reconhecia o obstáculo, examinava-o e, dependendo de sua natureza, continuava a sua viagem; confiante na memória que dela guardava, acelerava mais ainda. Assim como o pensamento de Benjamin não foi “rua de mão única”, fica para nós o desafio de darmos a nossa contribuição, reconhecendo os obstáculos, examinando-os e propondo formas de redimensioná-los nos espaços escolares (p. 34).

O diálogo entre tempo integral na escola e tempo plural na escola envolve uma reflexão sobre o tempo homogêneo para os estudantes (as atividades que são oferecidas a eles no contraturno) e o tempo aberto à criação e à ação do ser humano, que envolve pensar questões relacionadas às novas formas de interação dos discentes com o tempo e sobre a capacidade de eles lidarem, criarem e recriarem culturas escolares, de inovarem e transformarem aquilo que lhes é oferecido no tempo

homogêneo (como os estudantes se relacionam com a cultura, a memória e a estética).

O tempo integral na escola, ao tornar o tempo sinônimo de mais tempo na escola, é para nós, educadores, como uma pancada que se dá no presente na porta da escola, e que nos leva a perguntar: que sonhos ainda desejamos realizar? Responder a esta pergunta significa retornar ao tempo da utopia da educação integral proposto pelos autores anarquistas do século XIX,⁶⁰ que implica a constituição de grupo e trabalho coletivo, isto é, o potencial de ação criativa para o grupo, como um salto fora do sistema de ensino, portanto, uma inovação em que se misturam cultura, história e estética.

Esta perspectiva é fundamental para pensar a questão do tempo plural na escola. Sodré (2012) assinala que a criação não pode ser ensinada

mas é possível criar as condições culturais para seu desenvolvimento. Em termos educacionais, isso implica uma pedagogia capaz de hibridizar modos diferentes de apreender a realidade, conjugando a abordagem lógica e metódica do mundo com a percepção global e intuitiva típica das práticas artísticas. (p. 104)

Para ele, a capacidade inventiva é uma experiência de conhecimento radical, ao lado de outras análogas, como a mística, a poesia e a transformação política, ou seja, formas de como o extraordinário emerge da história. Por que radical? Porque se

⁶⁰“A defesa da Educação Integral esteve presente nas propostas do movimento operário de inspiração anarquista, principalmente no final do século XIX e início do século XX. O movimento operário buscava, por meio da educação, transformar a consciência dos trabalhadores e de seus filhos para realizar a revolução sócio-cultural. Os trabalhadores que seguiam a concepção anarquista lutaram por uma educação que unisse trabalho manual e intelectual, de modo a formar o homem em seus diferentes aspectos: intelectual, moral, político e artístico. Consideravam que era necessário formar homens completos, ou seja, que tivessem todas as suas faculdades plenamente desenvolvidas, porque somente assim estariam preparados para enfrentar a dominação e a exploração. Os militantes anarquistas acreditavam que a educação era um “meio poderoso para propagar e infiltrar nos espíritos as idéias generosas e (...) a alavanca que erguer(ia) o mundo e destruir(ia) para sempre o erro, a mentira e a injustiça” (SAFÓN, 2003, p.52). Esta compreensão do papel da educação justifica-se porque o anarquismo é uma ideologia política que tem como objetivo principal a mudança de valores para consolidar uma revolução social que acabe com a exploração do homem pelo homem. Defendiam que a mudança de valores por meio da educação é um mecanismo para desencadear a transformação da consciência humana. Por defenderem este tipo de estratégia política, foram considerados utópicos”. Ver Angela Maria Souza Martins, A Pedagogia Libertária e a Educação Integral in www.histedbr.fae.unicamp.br/acer_histedbr/seminario/.../6F24ICKQ.doc.

referem, no limite, à vida e à morte, que são as marcas originárias (princípio e fim) da comunidade humana. No empenho da criação, redesenham-se essas marcas, abrindo-se novas possibilidades, em níveis variados – nas crenças, na política, nas artes, nos modos de saber e fazer – de existência humana (SODRÉ, 2012, p. 104-105). Na experiência da criação, repensa-se toda a dinâmica histórica de relacionamento com o passado e o futuro, com vistas à renovação e à continuidade da existência comunitária.

Entretanto, a relação entre educação e criatividade sugere cuidados, uma vez que envolve a comparação da criatividade com a divergência e uma discussão acerca da imitação. Sobre isto, Sodré (2012) diz:

A dialética da imitação e da divergência pressupõe naturalmente a ideia de uma dinâmica interativa, oriunda de um núcleo de identidade (os necessários pontos de referências), que é capaz de mobilizar as forças cooperativas dos sujeitos, mas também de acolher os distanciamentos ou a liberdade presente em todo movimento de autonomia do indivíduo. Pode-se dar a isso o nome de comunidade para acentuar o fundo coletivo de todo ato criativo, por mais que sua concretização pareça partir de uma individualidade isolada [...] Mas a criatividade incide sobre qualquer dimensão da existência, qualquer nível de conhecimento. Ela aparece, assim, como uma intervenção cognitiva nos modos de realização do real, uma intervenção mais ampla do que a ação pontual, que resulta do momento privilegiado – único e irrepitível de uma subjetividade, chamada de “criação” pela Estética. Referida ao trabalho intemporal, geralmente coletivo, de intervenção e transformação dos signos, a criatividade é propriamente uma *experiência*. Entenda-se: uma experiência original de conhecimento que opera, ecologicamente, com os materiais do sensível e da razão num mesmo plano (p.106).

A partir desta perspectiva, entendemos que a relação entre o tempo da poesia de Mário Quintana e aquele da poesia de Cecília Meireles (2014) institui a relação entre tempo cronológico e tempo aberto à criação e à ação do ser humano. Esta relação refere-se ao tempo integral e ao tempo plural. Compreende-se que o tempo plural precisa do resgate utópico para fazer brilhar o sonho.

O tempo integral na escola, ao tornar o tempo sinônimo de mais tempo na escola, é para nós, educadores, como uma pancada que se dá no presente na porta da escola, e que nos leva a aproveitar esses movimentos do pensar, próprios de uma

oficina, para compartilhar com vocês algumas fagulhas, em forma de questões, que se mantêm vivas, com uma infância sem fim, que perdura em muitos educadores:

1. *Como escutar as crianças sem hierarquizar o diálogo entre elas e os adultos?*
2. *Como sua escola vem acolhendo as culturas infantis?*
3. *Quais as experiências de sua escola em que as crianças compartilharam com professores e dirigentes escolares dos processos de criação e inovação no espaço escolar?*

Referências

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. *Por amor e por força: rotinas na Educação Infantil*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BRONNER, S.E. *Da teoria crítica e seus teóricos*. Campinas: Papyrus, 1997.

FONSECA, Edna Telma & VILAR, Silvia. *Se nós tivéssemos o futuro do pretérito*. In: Palavras de Mestres muito Além de Caleidoscópio para Professoras e Professores. Rio de Janeiro: Editora, 2003.

MARTINS, Angela Maria Souza. *A Pedagogia Libertária e a Educação Integral*. www.histedbr.fae.unicamp.br/acer_histedbr/seminario/.../6F24ICKQ.doc.

MEIRELLES, Cecília. *O Tempo Seca o Amor*. pordiaumpoema.blogspot.com/2014

MELUCCI, Alberto. *Creatività: miti, discorsi, processi*. Roma: Feltrinelli, 1994.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. PDE – Plano de Desenvolvimento da Educação, 2009.

PORTARIAS NORMATIVAS INTERMINISTERIAIS. Números 17 e 19 (PNI), promulgadas em 24 de abril de 2009 in portal.mec.gov.br (Nº 80, quinta-feira, 26 de abril de 2007, Diário Oficial da União – Seção ISSN 1677-7042)

QUINTANA, Mário. *O Tempo*. bypoesia.blogspot.com/2009

RANCIÈRE, Jacques. *O mestre ignorante*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

SODRÈ, Muniz. *Reinventando a educação*. Petrópolis: Vozes, 2012.